

Aconteceu em Porto Seguro

MOACIR WERNECK DE CASTRO*

O ex-ministro de Esporte e Turismo, Rafael Greca, foi escalado para bode expiatório das falhas e barbaridades que marcaram as comemorações dos 500 anos do achamento do Brasil pelos portugueses. Pagou o pato, com a própria cabeça, pelo estrondoso fracasso da festa, a pretexto de escândalos ocorridos em sua área. Pobre Greca. Não sinto nenhuma gana de apedrejá-lo. Guardo dele uma boa lembrança (depois não o vi mais, só na televisão) de quando o conheci, prefeito de Curitiba, que em sua administração ganhou uma imagem de projeção internacional, contrastando com a das nossas grandes cidades. Ele inaugurava feliz e pimpão, como é de sua natureza, uma Torre do Saber, com o nome de Rubem Braga. Espero que tenha se recuperado das múltiplas fraturas resultantes da queda de outro dia.

É injustiça responsabilizar apenas esse ministro pelos erros que o governo FHC cometeu. Quem deve responder por tudo é o chefe do governo. Não vale o truque usado pelo presidente de tirar o corpo fora e salvar-se mediante a fritura de auxiliares, com o arremate de doses eutanásicas da cicuta planaltina. Não há de ser o suposto ou real envolvimento de Greca com a quadrilha do bingo, ou com o superfaturamento da nau capitânia, essa triste caravela da ilusão, que poderá encobrir o fracasso espetacular do governo a que o ministro servia histrionicamente como representante do aliado PFL.

O balanço do grande desastre das comemorações oficiais dos 500 anos não está feito. É tão espantoso o que aconteceu em Porto Seguro que os brasileiros ainda não se recobram do assombro. Como foi possível? No exterior, o conservador *Figaro*, de Paris, deu o tom dos comentários. Como é que um governo chefiado por um intelectual de apreciável currículo, doutor honoris causa de tantas universidades, auto-proclamado respeitador dos direitos humanos, pôde proporcionar ao mundo o espetáculo de brutalidade

que se viu na Bahia?

Se se tratasse de um cálculo errado na política de comunicação, sob a influência do otimismo desvaireado que prevalece no Planalto, ainda podia ser, se não atenuante do crime, ao menos compreensível. Mas foi pior. De repente explodiu a violência. Por baixo da máscara do bom-mocismo caricato escorreram as purulências de um passado secular de opressão e injustiça.

Mas esse é também um caso típico daquele velho provérbio segundo o qual há males que vêm para bem. Pois a idéia de pensar o Brasil, aproveitando a oportunidade dos 500 anos, funcionou inesperadamente por vias transversas. Em vez da imagem rósea desejada pelo governo, à sombra amena da solenidade com meia dúzia de gatos-pingados participando, espocou o desafio da realidade brutal do nosso país. Em lugar do *patashow* programado segundo o *marketing* televisivo, o Brasil viveu o desconforto dos problemas indígenas não resolvidos, ou mal resolvidos. Em contraste com a idílica ficção de uma miscigenação perfeita, patenteou-se o quadro da desigualdade racial e do preconceito toscamente dissimulado. E isso deu que pensar.

A efeméride (com perdão da palavra) valeu não pelo que se propunha, mas pelo que efetivamente resultou dela: um interesse maior pela nossa história e, em consequência, uma visão mais clara dos verdadeiros problemas sociais e políticos com que nos defrontamos. É o efeito positivo da catástrofe que foi a festança oficial.

Sobre o assunto Porto Seguro, aliás, já vimos um filme menos falso. Em 1939, um jovem jornalista fez uma acidentada viagem ao local do descobrimento, onde Assis Chateaubriand iria realizar o lançamento de sua Campanha Nacional da Aviação, uma hábil mistura de espírito de iniciativa e picaretagem. Está no livro *Histórias de um repórter*, de Edmar Morel, e vale a pena conferir. Foi uma comemoração abagunçada mas bem brasileira. Houve tiros dos canhões trazidos em 1501 pela expedição de Gonçalo Coelho; estandartes desfraldados no pico do Monte Pascoal; missa

campal junto ao rio, onde, conforme a lenda, se banhava Nossa Senhora da Ajuda, que ganhou uma capela logo preservada pelo Patrimônio Histórico, graças a Rodrigo Melo Franco de Andrade; povo presente, sem pancadaria, inclusive um grupo de índios tupiniquins; representação portuguesa, com certeza, chefiada pelo almirante Gago Coutinho, que uma índia sapeca correu para beijar... Tudo isso aconteceu há sessenta e um anos em Porto Seguro.

Tão Brasil! – como dizia Mário de Andrade. Não se fazem mais comemorações como antigamente.

P.S. – Na noite de sexta-feira, 28 de abril, e entrando pela madrugada de sábado, realizou-se no Rio uma comemoração que não achou espaço na imprensa. Era o 70º aniversário dessa figura admirável, grande dama lusotropical e mestra de gerações de economistas (“os meus meninos”) que se chama Maria da Conceição Tavares. Não foi um evento notável pelos vestidos e jóias das senhoras ou pelos requintes da culinária. Mas o que houve de gente animada e de boa conversa no Clube 17, dito dos Macacos, no alto do Horto Florestal, não devia passar despercebido, como passou. Registrarei apenas, para ficar documentado, um momento da festa. Foi quando apareceu, vindo de Brasília, o ministro (ex-aluno) José Serra. Ele estava extraordinariamente afável e risinho, muito à vontade, borboleteando de grupo em grupo, conversando com os petistas Waldir Pires, Milton Temer, Paulo Mercadante e outros, abraçando Celso Furtado e, finalmente, na hora da valsa, rodopiando na pista com Maria da Conceição. Aquilo não era importante porque o Serra vestisse um blazer azul, sem gravata, e Conceição um vestido onde o vermelho e o negro dos anarquistas se combinavam harmoniosamente. Era também um acontecimento político, a merecer destaque em função de uma possível estratégia contida no seu bojo festivo.

*Jornalista, escritor

E-mail: moacirwerneck@openlink.com.br

Class.	267
Data	3/5/2000
Fonte	5B
Documentação	